

# Narrando a Paisagem: os Campos Gerais do Paraná em três relatos de viagem do século XIX

Alessandra Izabel de Carvalho <sup>1</sup>  
Darcio Rundvalt <sup>2</sup>

## RESUMO

A partir do século XIX, os Campos Gerais, no segundo planalto paranaense, foram visitados por viajantes europeus e brasileiros. Os relatos deixados por eles constituem um importante conjunto documental para a historiografia paranaense. Dessa série, selecionamos três para compor a pesquisa que se segue. São eles: *Viagem pela comarca de Curitiba*, de Auguste de Saint-Hilaire; *Novo caminho no Brasil Meridional*, de Thomas Plantagenet Bigg-Wither; e *Viagem filosófica aos Campos Gerais e sertão de Guarapuava*, de Visconde de Taunay, de 1886. Nesses três relatos cada um dos viajantes destacou os Campos Gerais, dedicaram várias páginas a descrever a paisagem, buscando expor os elementos que a compunham e insistindo em sua grande beleza e possível utilidade.

**Palavras-chave:** Paisagem; Relatos de Viagem; Campos Gerais do Paraná.

---

<sup>1</sup> Doutorado em História, Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, Brasil. Universidade Estadual de Ponta Grossa, UEPG, Brasil. [ale.marumbi@gmail.com](mailto:ale.marumbi@gmail.com)

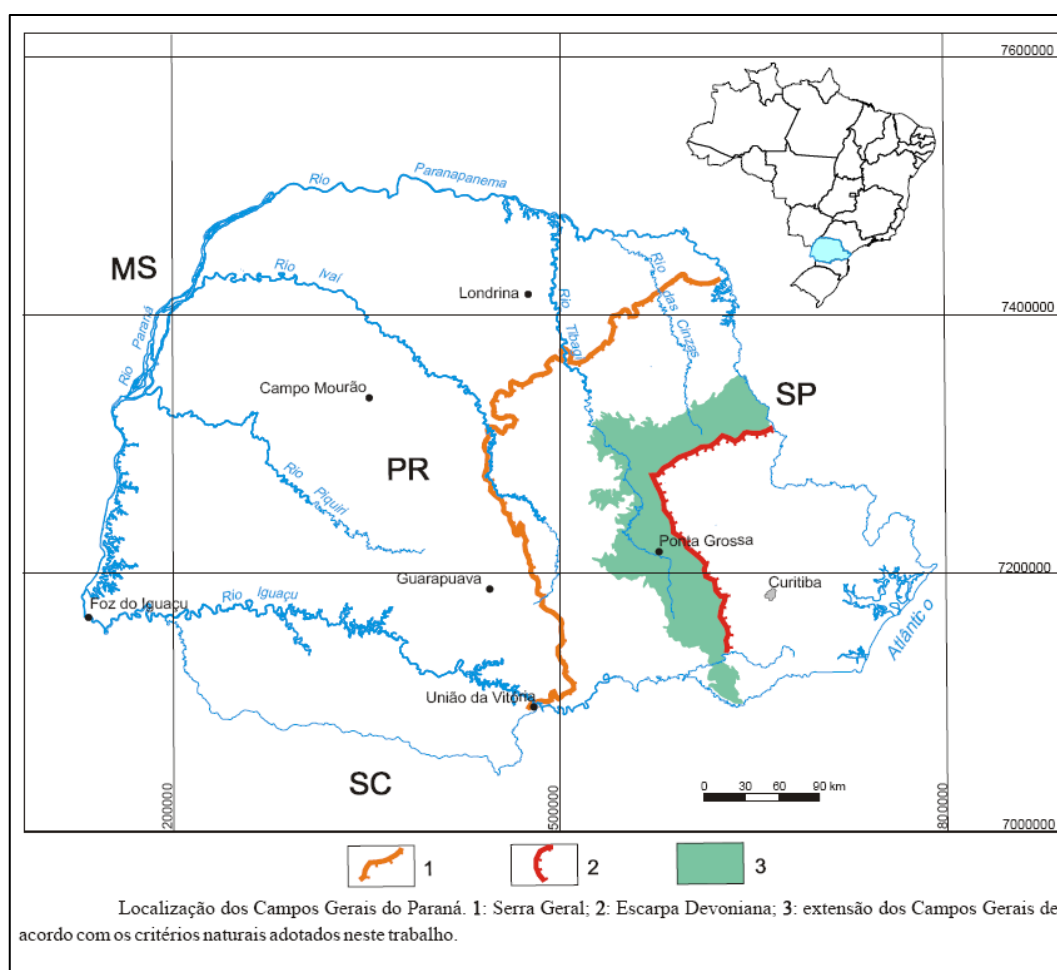
<sup>2</sup> Mestrado em História, Cultura e Identidades, Universidade Estadual de Ponta Grossa, UEPG, Brasil. [darcio\\_rundvalt@hotmail.com](mailto:darcio_rundvalt@hotmail.com)

Os Campos Gerais do Paraná são “uma região fitogeográfica (isto é, caracteriza pela sua vegetação natural), compreendendo os campos limpos e campos cerrados naturais situados na borda do segundo planalto paranaense”, “remanescente de épocas mais secas do Quaternário (últimos 1,8 milhões de anos da história da Terra)” (Melo et al. 2007 p. 17).

No decorrer do século XIX, a partir da vinda da corte portuguesa para o Brasil e da abertura dos portos às nações amigas, essa extensão foi então visitada por alguns viajantes europeus e brasileiros, e os relatos deixados por eles constituem importante conjunto documental para a historiografia paranaense. Dessa série, selecionamos três relatos: Auguste de Saint-Hilaire, *Viagem pela comarca de Curitiba*; e Thomas Plantagenet Bigg-Wither, *Novo caminho no Brasil Meridional*; Visconde de Taunay, *Viagem filosófica aos Campos Gerais e Sertão de Guarapuava*.

Para dar uma ideia de sua localização, segue a reprodução de um mapa elaborado pelos pesquisadores Mário Sérgio de Melo, Rosemeri S. Moro e Gilson B. Guimarães:

**Imagem 01.** Localização dos Campos Gerais do Paraná



Fonte: Melo et al. 2007 p. 17.

## **A VIAGEM, O RELATO**

Um novo descobrimento do Brasil. É assim, de maneira forte e contundente, que o historiador Sérgio Buarque de Holanda define a série de acontecimentos decorrentes da vinda da corte portuguesa e da abertura dos portos brasileiros ao comércio internacional. Afirma o historiador que, excetuando os primeiros momentos da colonização portuguesa em terras brasileiras, “nunca o nosso país parecera tão atraente aos geógrafos, aos naturalistas, aos economistas, aos simples viajantes, como naqueles anos” (Holanda 1970 p. 12). A curiosidade estrangeira, sobrepujada por tanto tempo, podia ser enfim saciada; ou como diz Sérgio Buarque, “nesses poucos anos foi como se o Brasil tivesse amanhecido de novo aos olhos dos forasteiros, cheio da graça milagrosa e das soberbas promessas com que se exibira aos seus mais antigos visitantes.” (p.12) Daí a sua tese de um “novo descobrimento do Brasil”; descobrimento este divulgado por meio de textos e imagens dos “muitos sábios estrangeiros que, pela mesma época, virão conhecer para depois divulgá-las, as belezas e riquezas da terra”.

Multiplicaram-se as viagens pelo interior do Brasil e a produção e circulação de relatos de viagem sobre o território seguiram o mesmo ritmo — de fato a palavra interior, como marca do desconhecido e do exótico, frequenta o vocabulário de quase todos os viajantes até meados do século XX.

As permissões concedidas pela coroa portuguesa definiam uma complexa hierarquia àqueles que desejavam visitar e estudar esse novo mundo: nem todos poderiam ir a todos os lugares, e, em razão da conjuntura política, havia grande indisposição à presença de franceses em território brasileiro até 1816. Além disso, nem todos os viajantes vinham ao Brasil pelo mesmo motivo. Certamente, havia a atração pelo exótico; mas, para além da aventura, uma viagem além-mar no período era uma tarefa difícil, que exigia preparação e recursos.

## **SABER O MUNDO: A VIAGEM CIENTÍFICA**

A palavra viajante frequentemente nos soa plena, parece capaz de englobar em uma única categoria toda uma miríade de indivíduos, projetos e objetivos. Apesar de sua boa aplicação, de sua capacidade de definição, é necessário construir uma tipologia diferenciada quanto à formação e aos objetivos de cada viajante. Nesse sentido, José Augusto Pádua (2009) insiste na necessidade de uma leitura mais detalhada dos relatos de viagem; uma leitura capaz de questionar a importância das diferenças de condição profissional e institucional, de financiamento e de objetivos, e do tipo de representação da paisagem local feita por cada viajante.

Por apresentar novos saberes, os relatos de viagem foram responsáveis pela mudança de ideias e mitos no ocidente. Impondo imagens fortes e provocando debates, essa forma de escrita foi bastante cultivada e possuía desde muito tempo leitores cativos.

Para além de uma marca no imaginário, de um sinal de grandes personagens, a viagem foi — e ainda é — considerada uma das formas mais eficientes para aquisição de um saber, sobretudo laico. Em um sentido específico, foi a expedição do naturalista alemão Alexander von Humboldt à América espanhola (1799–1804) que definiu “o moderno modelo de expedição científica, intimamente associado à expansão do conhecimento” (Paz 1996 p. 204). Com isso, “as crônicas de viagem, desde o início dos tempos modernos — sobretudo a partir das últimas décadas do século XVIII — traduzem o permanente esforço de classificação e sistematização do conhecimento, de enfrentamento e decodificação da heterogeneidade da cultura” (Paz 1996 p. 206).

Alguns eventos foram essenciais na redefinição dos projetos, das viagens e dos relatos de viagem a partir do final do século XVIII: a publicação, em 1735, do *Systema Naturae* (*O Sistema da Natureza*), de Lineu, que possibilitou a descrição, a partir de um sistema único, de todas as formas vegetais terrestres em língua não nacional: o latim; a expedição *La Condamine* que visava medições no equador para provar a forma elíptica da Terra, no mesmo ano; a expedição de Alexander von Humboldt ao continente americano, obra que notabilizou o naturalista alemão e estabeleceu um novo paradigma para a escrita e compreensão da natureza; e, por fim, o aperfeiçoamento das competências cartográficas, possibilitando viagens marítimas mais seguras e o avanço aos interiores continentais.

Enquanto projeto de exploração e forma de adquirir conhecimento, a viagem se difunde entre as instituições europeias de saber. O período do fim do século XVIII e XIX é marcado pela realização das chamadas expedições científicas. Instituições e/ou capitalistas mobilizavam grupos de cientistas e capital com o claro objetivo de conhecer as potencialidades e produzir imagens sobre o que consideravam ser o “resto do mundo”.

A produção de relatos de viagem, a partir de então, deixaria de ser exclusividade de “viajantes-aventureiros”, passando às mãos de “naturalistas, zoólogos, paisagistas” (Süssekind 2008 p. 45); também responde a finalidades específicas: comunica descobertas, inventaria potencialidades, cria relações diplomáticas; é, enfim, um “museu de tudo” — para os habitantes do Velho Mundo, é claro. Unindo, de forma singular, a perspectiva científica e a visão romântica (essencialmente humboldtiana) da natureza em uma narrativa de aventuras e descobertas, os relatos de viagem tinham grande recepção na Europa e, posteriormente, nas Américas. Além de uma leitura acessível ao público letrado, também “serviam de fonte para várias modalidades das ciências empíricas, justamente por sua forma pouco

especializada; em última instância, preenchiam certos requisitos difundidos pelo ideal pedagógico da Ilustração” (Lisboa 1997 p. 38).

Os cientistas da natureza passaram a assumir uma postura mais ativa, a autópsia ganhou lugar de destaque em suas práticas; a viagem tornou-se, portanto, parte essencial em sua vida: tratava-se, assim, do cientista-viajante. É nesse momento, então, que Auguste de Saint-Hilaire realiza sua extensa viagem pelo país.

### **AUGUSTE DE SAINT-HILAIRE**

Auguste Prouvençal de Saint-Hilaire<sup>3</sup> nasceu em Orléans, França, em 1778. De família afortunada e nobre, dedicou-se aos estudos de História Natural, em especial à anatomia dos frutos e propriedades curativas de plantas; sua atenção se voltava tanto aos aspectos filosóficos da história natural (cujas inspiração vinha do famoso literato alemão Johann W. Goethe e de Alexander von Humboldt), quanto aos aspectos práticos de sua especialidade: seu olhar de cientista percorria desde o macro ao micro; tanto a filosofia natural, quanto o utilitarismo se complementavam em sua mirada. Suas biografias dão nota de que viajou à Holanda e Alemanha antes de embarcar para o Brasil em 1816, como componente da expedição do Duque de Luxemburgo; expedição essa que objetivava resolver o conflito entre Portugal e França quanto à posse da Guiana. Sua estada no Brasil durou seis anos (1816-1822), fato marcante para a carreira acadêmica à qual se dedicou posteriormente.

Diz o próprio cientista:

Consagrei seis anos inteiros a percorrer uma vasta porção do Império do Brasil; palmilhei cerca de duas mil e quinhentas léguas [entre 12.000 a 16.000 quilômetros]; visitei as províncias de Rio de Janeiro, Espírito Santo, Minas Gerais, Goiás, São Paulo, Santa Catarina; passei vários meses na república Cisplatina; vi tudo o que ainda resta das antigas missões jesuíticas da margem esquerda do Uruguai, e ousou esperar que a relação da minha viagem acrescente numerosas noções novas às que já se possuem relativamente à parte oriental da América do Sul (Saint-Hilaire 1938 p. 13).

Em seu primeiro relato da extensa série de *Viagens no interior do Brasil*, o viajante afirma que sua saúde ficou debilitada depois da longa excursão; e, em 1828, reivindicou ao Ministério do Interior francês uma pensão pelos serviços prestados à ciência: o cientista-viajante apresenta-se como uma espécie de mártir que comprometeu sua saúde e vida à Pátria e à Ciência.

O naturalista afirma que “o estudo dos produtos vegetais do Brasil constituía, sem dúvida, o objetivo principal da viagem”; no entanto, não se descuidou em “recolher luzes que possam, sob outros aspectos, dar uma ideia perfeita de região tão interessante” (Saint-Hilaire 1938 p. 13).

---

<sup>3</sup> Auguste de Saint-Hilaire é uma figura bastante conhecida nos estudos históricos brasileiros. Para os fins deste artigo não nos detivemos em uma análise mais aprofundada desse viajante; indicamos, para maiores informações, os trabalhos de Rossato (2007) e Kury (2003).

Quanto à passagem de Saint-Hilaire pela então 5ª comarca de São Paulo, a comarca de Curitiba, atual estado do Paraná, esta foi realizada no verão de 1820, entre 26 de Janeiro e 4 de Março; período de frequentes chuvas e tempestades, às quais se referiu repetidamente. Em território da comarca de Curitiba, Saint-Hilaire seguiu de norte a leste, atravessando os Campos Gerais entre Jaguariaíva, Tibagi e Castro; depois seguiu para Curitiba, de onde rumou até Morretes, passando por Paranaguá e Guaratuba e, daí, prosseguiu viagem para o litoral norte de Santa Catarina.

Logo após o retorno de Saint-Hilaire à França viveu-se o advento da independência brasileira de Portugal em 1822. A partir de então começaram a se firmarem projetos nacionalistas, visando integrar as diversas partes da ex-colônia portuguesa ao Império que então se construía.

Como diz Pádua (2009 p. 236), no contexto do Brasil monárquico, “a fartura de espaços naturais ainda densos de vida selvagem assumiu diferentes significados simbólicos e políticos”. Ambigualmente “saudada como um sinal de grandeza e poder”, mas também “uma realidade problemática para autores locais mais preocupados com um projeto político de construção nacional” (p. 236). Nesse contexto dois movimentos igualmente intensos conviviam: “uma cultura de elogio laudatório da natureza e uma prática de contínua agressão contra algumas das suas principais manifestações” (p. 238).

No campo cultural, especialmente literário, as imagens produzidas pelos cientistas-viajantes do início do século XIX serviram de protótipo para a construção da literatura romântica nacional. Flora Süssekind (2008 p. 39) observa que “o viajante ensina a ver, organizar para os olhos nativos a própria paisagem e definir maneiras de descrevê-las”.

Com a maioria de Dom Pedro II e o pacto entre as elites escravocratas do país em favor da monarquia, criou-se um clima de tranquilidade no Império brasileiro desde 1840. Em 1864, o início da guerra contra o Paraguai veio abalar a paz que então reinava. Como expõe Francisco Doratioto (2002 p. 17-18): “A longa duração da guerra [...] criou uma nova realidade, uma ‘vida intensa’, no Rio de Janeiro.” Foi um momento crucial na história do país, representando o “apogeu da força militar e da capacidade diplomática do Império do Brasil, mas, de forma paradoxal, contribuiu para o acirramento de contradições do Estado monárquico brasileiro, enfraquecendo-o”.

Findada a guerra, dois anos depois chegou à província do Paraná o engenheiro inglês Thomas P. Bigg-Wither.

### **THOMAS PLANTAGENET BIGG-WITHER**

Thomas P. Bigg-Wither nasceu na mansão de Tangier Park, em Hampshire, Inglaterra, em 1845. Formou-se em engenharia civil no King's College, em Londres. E, entre 1872-1875 veio ao Brasil, compondo o grupo organizado pelo engenheiro sueco Christian Palm e contratado pela *Paraná and Matto Grosso Survey Expedition*; que, conforme indica Newton Carneiro, “obtivera serviço nas docas de Portsmouth, cujas obras de extensão constituíam a iniciativa mais notável da engenharia portuária do tempo. Essa experiência tornou-se a sua recomendação para o contrato brasileiro” (Carneiro 1974 p. 23). Logo após seu retorno à Inglaterra realizou uma conferência na Real Sociedade de Geografia sobre a o vale do rio Tibagi. Em 1882, o engenheiro foi contratado para a construção da estrada de ferro Central de Bengala, na Índia, atividade que exerceu até 1890. Com a saúde debilitada, nesse mesmo ano — após receber a notícia de que um de seus filhos estava gravemente doente — faleceu em alto mar, no Oceano Índico, quando retornava à Inglaterra.

O autor descreveu as atividades que realizaria na província durante o período. Diz ele que:

Em 1871, foi dada uma concessão pelo governo brasileiro ao barão (atualmente visconde) de Mauá e a outros para executar um levantamento envolvendo uma linha férrea e serviço de barco a vapor que ligaria Curitiba, a capital da província do Paraná, e a cidade de Miranda, perto da fronteira ocidental do Brasil, na província de Mato Grosso. [...]

Esse levantamento começou no mês de agosto do ano seguinte, e o autor foi contratado, junto com outros três engenheiros e uma equipe de índios e operários brasileiros (Bigg-Wither 2008 p. 179).

Sua estada no Paraná durou de 1872 a 1874. Entre idas e vindas em busca de suprimentos, empregados ou mulas de carga, passou pelas cidades de Paranaguá, Antonina, Morretes, Curitiba, Campo Largo, São Luís do Purunã, Ponta Grossa, Palmeira e Tibagi; também conheceu as vilas e colônias de Assungui, Ribeira, Tereza Cristina e São Jerônimo da Serra. Mas a maior parte desse tempo passou acampado nos sertões dos vales dos rios Tibagi e Ivaí que, conforme dramatiza em sua nota introdutória, foram vividos “em meio a cenas ferozes da natureza selvagem, onde nenhum homem civilizado antes penetrara e onde, durante semanas e meses, a condição normal de vida fora a luta sem tréguas contra o meio natural” (Bigg-Wither 1974 p. 27).

Suas experiências foram publicadas em dois volumes, em 1878, sob o título de *Pioneering in South Brazil. Tree years of forest and prairie life in the Province of Paraná*, pelo famoso editor de relatos de viagem londrino John Murray. O relato [narrative] de Bigg-Wither (1974, p. 27), apesar do marcante cientificismo (em especial o evolucionismo e o racismo), se presta mais a ser “uma narrativa de viagens e aventuras” em regiões “inexploradas”. Seu texto é, de fato, marcado por uma visão categórica de mundo, na qual coisas, animais e pessoas têm seu lugar marcado, e palavras como “inferior”, “insignificante”, “inútil”, “desnecessário” e seus antônimos frequentam o vocabulário do texto. Bigg-

Wither é um representante típico do período Vitoriano: o mundo natural é apreendido enquanto recurso explorável, a indústria é considerada a peça chave para a evolução de uma nação, e as pessoas estão sujeitas ao Estado e as categorias científicas.

### **VISCONDE DE TAUNAY**

Dez anos após o retorno de Bigg-Wither do Brasil à Inglaterra, o então presidente da província do Paraná, Visconde de Taunay, realizou uma *viagem filosófica aos Campos Gerais e sertão de Guarapuava*. Como ele próprio afirma:

Em fins de Março de 1886 empreendi, na qualidade de administrador da então província do Paraná, rápida viagem aos Campos Gerais, levando por principal objetivo visitar, uma vez concluída a minha excursão aos mais importantes povoados daquele planalto, o sertão e a cidade de Guarapuava, lugares até onde não havia ainda chegado presidente algum, desde que a vasta zona paranaense se separara de S. Paulo, a 19 de Dezembro de 1853 (Taunay 1923 p. 69).

Alfredo d'Escragnolle Taunay nasceu no Rio de Janeiro em 1843, mesma cidade onde faleceu em 1899. Teve uma vida bastante movimentada: foi político, presidente de província, deputado e senador durante o período monárquico; participou da guerra contra o Paraguai; etc. Lídia Lichtscheidl Maretti diz que Taunay era

[...] diplomado como engenheiro geógrafo e bacharel em ciências físicas e matemáticas, ele foi professor de várias disciplinas, sendo que a disparidade entre elas — ele ensinou tanto francês quanto geologia, mineralogia e botânica —, sugere já aqui o avesso da especialização e a amplitude quase enciclopédica dos conhecimentos que detinha e que podem ser comprovados em toda a sua obra (Maretti 1996 p. 17).

Taunay foi o exemplo do intelectual e político do período monárquico brasileiro, não apenas pelos títulos nobiliárquicos e ascendência da nobreza francesa. A extrema admiração que demonstrava pelo imperador D. Pedro II, a atuação no partido conservador e, principalmente, seu envolvimento extremado no projeto nacional do Império marcaram sua atuação enquanto um “reformista-modernizador”<sup>4</sup>.

Leitor assíduo dos cientistas-viajantes que percorreram o Brasil no início do século XIX, o Visconde inspirava-se neles para compor seus escritos e atividades. Em suas *Memórias*, Taunay reforçou a imagem do cientista-viajante benevolente, desinteressado, nada imperialista.

Então imaginava o indizível enlevo de viajantes como Pohl, Spix, Martius, Saint-Hilaire, Agassiz, Burton e tantos outros nas dilatadas peregrinações pelo esplêndido Brasil, levando consigo enorme cabedal de conhecimentos — inestimável bagagem, mas bem leve, bem fácil de transportar! —, vendo ante os seus passos um mundo de riquezas ainda não exploradas e a

---

<sup>4</sup> Essa definição de reformista é utilizada por Pádua para definir “um conjunto de intelectuais e homens públicos, quase todos membros da elite imperial, que se preocupou com a degradação do território a partir de um reformismo tecnológico e administrativo. A destruição ambiental, que eles viam como um dos principais obstáculos ao projeto civilizatório do Império, poderia ser superada sem a necessidade de reformas sociais mais profundas”. (Pádua 2002 p. 22).



Alessandra Izabel de Carvalho; Darcio Rundvalt

cada instante colhendo impressões e notícias preciosas para si e para a ciência de que foram tão nobres e alevantados representantes!

Com sinceridade acredito que seja impossível na terra juntar mais elementos de felicidade, e reunir maior messe de gozos tão serenos e puros, livres, portanto, de qualquer eiva, da menor sombra, da mais ligeira névoa.

Que existência tão bem preenchida, tão plácida em suas honestas agitações, tão proveitosa e singela! (Taunay 2004 p. 17-18).

Como ressalta Pratt (1990, p. 69), tratava-se de “uma imagem utópica do indivíduo burguês europeu”, “professando uma benigna visão hegemônica que não instauraria qualquer aparato de dominação”, pois a figura do naturalista-herói assumia “certa impotência ou androgenia; muitas vezes ele se retrata em termos infantis ou adolescentes.” (p. 106)

O visconde foi presidente da província do Paraná durante apenas cinco meses, de 29 de setembro de 1885 a 3 de maio do ano seguinte. Taunay concebia a viagem como uma necessidade administrativa, dizia ele que

Verdade é que não me poupava à fadiga, em contínuas viagens, para ajuizar das estradas e caminhos, conhecer as localidades, pôr-me em contato com os seus homens e estudar *de visu* as questões que lhes eram atinentes.

Nem há melhor sistema de administrar. Mais vale um olhar, uma impressão repentina e segura dos fatos, do que os mais minuciosos e bem-elaborados relatórios e exposições (Taunay 2004 p. 557).

A publicação da *Viagem filosófica* só foi realizada em 1923, graças ao esforço de seu filho Afonso de Taunay que a compilou, juntamente com outro relato de viagem sobre o Mato Grosso (*Cruzando o sertão*), em um volume que intitulou, muito sugestivamente, *Visões do sertão*.

O relato sobre o Paraná está incompleto, narra apenas a passagem do então presidente da província pelos Campos Gerais, faltando o trecho sobre Guarapuava, possivelmente o Visconde não teve tempo para compor a parte restante do relato. Logo em 1886 concorreu à vaga de senador do Império por Santa Catarina, para a qual foi eleito e, em 1889, após a leitura de suas *Curiosidades Naturais da província do Paraná* no IHGB, a escrita de suas *Memórias* e os eventos nacionais o envolveram totalmente.

Temporalmente sua viagem dura de 29 de Março a 30 de Março de 1886, e sua redação parcial deve ter ocorrido em 1890, como denunciam trechos do relato: “[...] começo a escrever estas páginas aos quarenta e sete anos de idade” (p. 70), “Em fins de Agosto de 1889, quando o Visconde de Ouro Preto escrevendo-me” (p. 89), e “[...] mas nada consegui e ainda hoje, 1890, Curitiba se dessedenta” (p. 87). Taunay diz que na viagem levava consigo sua mulher e os três filhos, e estava “acompanhado do Chefe de Polícia Dr. Hermínio do Espírito Santo, que também levava sua família” (p. 71), um misto de viagem administrativa e passeio familiar. Taunay não menciona se os custos da viagem (aluguel das

telegas e cocheiros, hospedagem e alimentação) foram por ele pagos. Aparentemente as despesas ficaram por conta do erário público.

### **A FORMA E CONTEÚDO: DOS OLHOS DO IMPÉRIO E DO IMPERADOR**

O período entre o final do século XVIII e início do XIX é marcado por uma nova etapa de expansão territorial do capitalismo. Ligados há muito à Europa pelo sistema colonial e o tráfico negreiro, tanto a América do Sul quanto a África tornaram-se focos de novas iniciativas expansionistas europeias (em especial Inglaterra e França), determinadas pelo impulso à exploração do interior desses territórios. Essa nova fase, nas palavras de Mary Louise Pratt (1999 p. 35), foi “marcada pela busca de matérias-primas, a tentativa de expandir o comércio costeiro para o interior, os imperativos nacionais de se apoderar de territórios ultramarinos, assim evitando que outras potências europeias os ocupem”.

Para Edward W. Said, esse período é de um novo imperialismo, o qual se pode encontrar em um sistema de ideias coerentes e mobilizadas a partir do final do século XVIII, a saber: a ascensão do nacionalismo e da nação-Estado europeia, o advento da industrialização em grande escala e a consolidação do poder da burguesia; “ao mesmo tempo em que a forma do romance e a nova narrativa histórica adquirem predomínio, e destaca-se a importância da subjetividade para o tempo histórico” (Said 2011 p. 112).

O objeto de disputa nessa nova etapa do capitalismo é, sem dúvida, a terra. Mas a legitimidade desse processo, os problemas que são levantados a partir da ocupação civil e militar europeia de terras distantes — quem possuía a terra, quem tinha o direito de nela se estabelecer e trabalhar, quem a explorava, quem a reconquistou e quem planeja seu futuro —; esses problemas foram pensados, discutidos e, por vezes, resolvidos na narrativa.

Os relatos de viagem no século XIX, enquanto narrativas de descoberta e exploração, inventários das diferenças e das potencialidades, “engajaram o público leitor metropolitano nos (ou para os) empreendimentos expansionistas cujos benefícios materiais se destinavam, basicamente, a muito poucos” (Pratt 1999 p. 28). Com efeito, essas narrativas produziram “o resto do mundo” para leitores europeus ao longo da trajetória expansionista da Europa.

Thomas P. Bigg-Wither, em sua conferência sobre o vale do rio Tibagi, demonstrou, sem muito constrangimento, como via os brasileiros do interior:

[...] vivendo no meio da riqueza, eles são felizes de passar a vida numa situação apenas um pouco menos animalésca que a dos índios selvagens.

Esse quadro é apenas uma reprodução do que se pode ver nos povoados espalhados no interior do Brasil. Não se pode refutar o pensamento, que ocorre na cabeça do viajante, que tudo isso vê, de que a população não merece esse país (Bigg-Wither 2008 p. 186).

Assim, para o engenheiro, a vasta extensão de terras desse vale na província do Paraná, “cobertas de mata virgem e habitadas apenas por algumas tribos nômades de índios selvagens”, permanecerá no descaso “até que a própria região passe para as mãos de um povo mais empreendedor” (Bigg-Wither 2008 p. 190). Quanto à produtividade e lucratividade da mineração, objeto da conferência, “as estatísticas colhidas no lugar, verificadas, onde possível, por fontes independentes, e um exame mais cuidadoso das minas convenceram o próprio autor de que, embora no presente fossem abandonadas, ainda serão capazes de ser trabalhadas com maior lucro” (p. 185).

A partir destas considerações, o autor chega a uma conclusão marcada pelo evolucionismo:

Em todos os lugares abundam a água e a lenha; o clima é incomparavelmente salutar.

O que, então, falta para que essas grandes vantagens naturais possam ser aproveitadas? A resposta é clara: o que falta é uma estirpe de gente mais empreendedora, enérgica e, acima de tudo, honesta, para substituir o nativo híbrido. Tudo se transformará com tal substituição. [...]

Dessa maneira, novo sangue será injetado onde precisa mais e onde colherá o maior benefício. Pode-se confiar que as leis da seleção natural façam o resto (Bigg-Wither 2008 p. 196-198).

Disponibilidade, conforme explica Pratt, é a quintessência do projeto euro-colonialista.

Não foi de forma ingênua que Saint-Hilare definiu os Campos Gerais como “paraíso terrestre do Brasil”; pois, como ele próprio afirma

Entre todas as partes desse império que percorri até agora, não há nenhuma outra onde uma colônia de agricultores europeus tenha possibilidade de se estabelecer com mais sucesso do que ali. Eles encontrarão um clima temperado, um ar puro, as frutas do seu país e um solo no qual poderão desenvolver qualquer tipo de cultura a que estejam acostumados, sem grande dispêndio de energia. Assim como os habitantes do lugar, eles poderão criar gado; recolherão o seu estrume para fertilizar as terras, e com o leite, tão cremoso quanto o das regiões montanhosas da França, poderão fazer manteiga, queijo, que encontrarão fácil mercado nas partes mais setentrionais do Brasil. (Saint-Hilaire 1995 p. 32-33).

As terras “disponíveis” para o estabelecimento de colônias de imigrantes eram ocupadas já há muito por várias tribos e etnias indígenas e, também, e não sem conflito, por populações mestiças e caboclas.

Em outro trecho, Bigg-Wither ao ver nos Campos Gerais “enxames” de codornas e narcejas, e perceber que em um *capão* próximo à Ponta Grossa o lugar era frequentado por grande quantidade de animais de médio porte, escreve o seguinte:

Quero recomendá-lo àqueles cujo gênio os induz a abandonar a trilha batida do caçador ou do turista e procura lugar diferente em que possa expandir a mente e os músculos. É lugar indicado para agradável repouso de dez dias, quer como pouso para quem se dirige às grandes zonas de caçada — nas matas dos Ivaí — quer como completo substitutivo da região em que se caça galo silvestre na Escócia. Vigas enormes para construir confortável e cômoda chácara, água abundante e pasto para os animais necessários, assim como a vantagem de passar por ali o caminho principal que leva às duas principais cidades da província. Não se paga aluguel ou imposto e nem há contas exorbitantes de hotel a saldar. Caça e liberdade *ad libitum*. Ar mais

Alessandra Izabel de Carvalho; Darcio Rundvalt

puro e revigorante não pode se encontrado em nenhuma outra parte do Velho e do Novo Mundo (Bigg-Wither 1974 p. 106).

O projeto de nação imperial brasileira, influenciado pelo olhar europeu, se deparou com questões semelhantes ao do imperialismo daquele continente. Sua atuação diante da “herança colonial” não é menos agressiva e caricata. Território e população, a partir desse momento, tornam-se dois “problemas” constantes para os intelectuais brasileiros do período. Taunay, que se dedicara à questão da imigração europeia para o Brasil, vê nas colônias de imigrantes nos arredores de Curitiba a realização da visão de Saint-Hilaire

Até quanto alcance a vista, campos acidentadas cobertos das mais viçosas plantações de trigo; aveia, centeio, linho, cânhamo e no meio delas trechos de milho, feijão, arroz, batatas de Demerara e cana-de-açúcar, enfim o tapete mais garrido e curioso com todos possíveis ancenúbios da cor verde.

E aqui, e ali, majestosos pinheiros, uns isolados, outros em grupos de três ou quatro, a se erguerem do seio das culturas rasteiras e dando a tudo um cunho da mais poética perspectiva europeia (Taunay 1923 p. 77).

Além de ensinar a ver e organizar para os olhos nativos a própria paisagem, o viajante também a imagina e a projeta em moldes europeus. Cabe, então, aos brasileiros trabalhar para sua realização. Na verdade trata-se daquilo que Pratt (1999, p. 30) definiu com uma apropriação particular realizada pelos autores americanos, que selecionaram e adaptaram os discursos (relatos de viagem) à sua própria necessidade de criar culturas autônomas descolonizadas, ao mesmo tempo em que mantinham valores europeus e a supremacia branca.

Se, nesse contexto, o poder de narrar é tão importante para produzir aos europeus o “resto do mundo” e para os brasileiros o próprio Brasil, como então os relatos de viagem operam essa ação?

Ives Reuter (2002 p. 128-131) afirma que, “toda narrativa está contida em um ato de comunicação, um discurso ou uma enunciação, que comportam — direta ou indiretamente, explícita ou implicitamente — alvos, intenções, efeitos almejados”. Ora, como bem apontou Said (2011 p. 11), “o poder de narrar, ou impedir que se formem outras narrativas, é muito importante para a cultura e o imperialismo, e constitui uma das principais conexões entre ambos”.

Réal Ouellet (2010), ao estudar os relatos de viagem sobre a América dos séculos XVI a XVIII, propõe que todo relato de viagem parte de um “pacto viático” [*pacte viatique*], estabelecido entre um “poder mandatário” e um viajante que se transmuta em autor, narrador e protagonista de um relato [*relation*]. Assim, a produção de uma narrativa sobre a viagem cauciona uma ação, na mesma medida em que legitima uma escritura.

Nesse sentido, os paratextos limiáres são esclarecedores. Diz Saint-Hilaire, em sua dedicatória ao duque de Luxemburgo, que

Quando partistes para o Rio de Janeiro, na qualidade de embaixador extraordinário, desejustes que a vossa viagem não fosse desprovida de utilidade para as ciências, e Vos dignastes permitir-me que Vos acompanhasse. Sem essa tão envaidecedora e vantajosa oportunidade não poderia ter empreendido a visita do interior do império brasileiro. Se, pois, cheguei a poder tornar melhor conhecida uma região tão favorecida pela natureza, se pude inspirar aos meus compatriotas o desejo de entreter mais íntimas relações com os brasileiros, se os trabalhos que levei a efeito contribuíram de algum modo para o progresso da ciência, é a Vós, senhor Duque, que devo tal felicidade; e homenageando-o com a oferta desta relação nada mais faço, por assim dizer, do que restituir-Vos o que Vos pertence (Sainti-Hilaire 1938 p. 11).

Bigg-Wither, mais modesto e econômico, agradece e dedica sua obra ao Visconde de Mauá

Dedico, com sua permissão, a SUA EXCELÊNCIA, o VISCONDE DE MAUÁ, a quem o autor é especialmente devedor pelas oportunidades que teve de viajar e fazer observações em região pouco conhecida, cujos resultados, dentro das melhores aptidões do autor, estão recordados nas seguintes páginas (Bigg-Wither 1974 p. 29, destaques do autor).

O texto do Visconde de Taunay, pelos motivos já citados, não possui dedicatória, apenas uma nota introdutória, que diante do contexto da escrita (proclamação da República, desligamento do IHGB), nos faz supor seria dedicada ao Imperador D. Pedro II

Será certamente esta mescla de informações exatas e bem firmes com outra parte, toda de devaneios, hipóteses, conjecturas e meditações, mais ou menos concatenadas e justificáveis, que pode inculir algum encanto à minha narrativa. E se essa impulsão não for transmitida a quem me fizer o favor da sua atenção, então não terei alcançado a meta que colimo. *J'en sens pour moi-même.*

Aliás tantos e tão grandes desenganos já tenho sofrido, embora ainda não chegado de todo ao declínio da vida, pois começo a escrever estas páginas aos quarenta e sete annos de idade, tanta esperança baldada, que mais uma decepção, e esta de ordem literária, não será a espada de Breno na balança das desilusões, ao proclamar-se o eterno *non natus* tão doloroso sempre ás almas fracas (Taunay 1923 p. 70).

Mas não basta apenas firmar um pacto entre o poder mandatário e o autor, apresentar-se como viajante é necessário e tão importante quanto, fazer o leitor crer nas realidades “redescobertas” pela autópsia: não basta apenas o recurso enfático na experiência, é necessário torná-la literariamente interessante.

Transitando entre um duplo estatuto, literário e documental, o relato de viagem comunica um saber na mesma medida em que conta uma aventura, contendo uma função didática ao mesmo tempo em que entretém.

Nesse sentido, o impulso à exploração dos interiores não poderia ser apenas comunicada, deveria, sobretudo, ser dramatizada. No texto, a presença estrangeira e os incômodos decorrentes sequer são mencionados, o viajante jamais se pergunta (ou pergunta ao narratário) sobre sua presença e ações e, por consequente, a desconfiança alheia é de todo injustificada: as obras que realiza e o

protagonismo exercido não merecem oposição, suspeita. Isso porque, na narrativa, podemos conhecer os eventos narrados apenas pela perspectiva do viajante. Como explica Ives Reuter (2002 p. 73), “a questão da perspectiva é de fato muito importante para a análise das narrativas, pois o leitor percebe a história segundo um prisma, uma visão, uma consciência que determina a natureza e a quantidade das informações”.

O viajante, martirizado em sua própria narrativa (desde os paratextos) não poderia ser vítima de um leitor injusto que se pergunta o que ele faz. Tudo isso o libera para que possa então adjetivar as coisas e pessoas envolvidas em sua narrativa, sem que para isso se desconfie de seu juízo de valor: redescobrir o Brasil foi imaginá-lo novamente, produzir novas paisagens.

## PAISAGEM

O antropólogo Philippe Descola apresenta a seguinte definição:

Não há paisagem sem observador, não há observador sem percepção, e, portanto, a paisagem é um lugar, mas que é recortado por um olhar, que é recortado por um ponto de vista, que é recortado por uma perspectiva informada por um esquema de percepção visual. (Descola 2012).<sup>5</sup>

O autor propõe que a paisagem é decorrente de uma dupla transfiguração, o entorno deve passar por “uma mudança deliberada de aparência, ao termo da qual um sítio torna-se um signo de outra coisa que si mesmo revelando aquilo que continha potencialmente”, um processo que “pode se realizar *in situ*, na medida em que se trata de um arranjo do lugar, ou *in visu*, a partir da elaboração de um esquema visual que organiza a figuração concreta e serve de filtro ao olhar” (Descola 2014 p. 680).<sup>6</sup>

Paisagem é um conceito complexo, ambivalente, e frequente de maneira prolixa o vocabulário de historiadores da arte, geógrafos, biólogos, arquitetos, entre tantos outros; Augustin Berque (1994 p. 27) chama isso de inflação [*inflation*] do termo, tal inflação leva-nos a falar de paisagem a propósito de tudo e de nada: uma palavra esvaziada de conteúdo conceitual e que não remete a nenhum objeto.

Ora, se um conceito é antes de tudo uma palavra, uma definição de *paisagem* pode começar em sua etimologia.

Sandeville Jr. (2005 p. 51) informa que a palavra é oriunda do francês, *paysage*, e tem sua primeira aparição em dicionário desta língua atestada no século XVI; seu uso em língua portuguesa é

<sup>5</sup> Em francês no original, transcrição e tradução nossa: “Pas de paysage sans observateur, pas d’observateur sans perception, et donc le paysage c’est un lieu, mais qui est découpé par un regard, qui est découpé par un point de vue, qui est découpé par une perspective informé par un schème de perception visuelle”.

<sup>6</sup> Em francês no original, tradução nossa: “La transfiguration est un changement d’apparence délibéré au terme duquel un site devient un signe d’autre chose que lui et révèle par là ce qu’il contenait en puissance [...] ce processus peut se réaliser *in situ*, lorsqu’il s’agit de l’aménagement d’un lieu, ou *in visu*, par l’élaboration d’un schème visuel organisant la figuration concrète et servant de filtre au regard”.

referido como *paisagem*, em 1656: a “palavra portuguesa *paisagem* deriva de *país*, que se refere não apenas ao espaço físico, mas a uma apropriação peculiar do espaço, à construção de um território e de um povo, para então se tornar, talvez, a imagem desse território”.

Jean-Marc Besse (2006 p. 20) chama a atenção para o fato de que no século XVI os vocabulários da emergente pintura de paisagem e da geografia eram idênticos. Diz o geógrafo que antes de adquirir uma significação principalmente estética, palavras como *landschaft*, *landschap*, *paesae*, possuíam uma significação territorial e geográfica: “tomada num sentido sobretudo jurídico-político e topográfico, a paisagem é, de início, a província, a pátria, ou a região”.

Nesse primeiro momento, a paisagem não se reduz a extensão de um território que se descortina a um olhar desde um ponto de vista, ela é entendida como espaço objetivo da existência humana. Como afirma Camporesi

No século XVI, não se conhecia a paisagem no sentido moderno do termo, mas o “país”, algo equivalente ao que é para nós, hoje, o *território*, e, para os franceses o *environnement*, lugar ou espaço considerado do ponto de vista de suas características físicas, à luz de suas formas de povoamento humano e de recursos econômicos. De uma materialidade quase tangível, ele não pertence à esfera estética se não de um modo muito secundário. (Camporesi 1995 p. 11).<sup>7</sup>

Não existindo percepções puras, imaculadas, as paisagens são, portanto, aquisições culturais. Nossa concepção de paisagem, assim como as noções de útil e de belo — termos frequentemente associados ao conceito —, está sustentada por um repertório, um imaginário herdado. Pois “se existe um sentimento de satisfação conferido pela paisagem, é que existe uma forma que espera uma satisfação, um preenchimento.” (Cauquelin 2007 p. 119). Esse valor estético da paisagem é retomado por Besse:

Se se está de acordo que a paisagem é efetivamente uma produção cultural, as significações culturais que ela contém, e que são como que projeções da cultura sobre o “país”, não podem ser reduzidas unicamente a significações estéticas: é preciso também fazer jus a outros olhares culturais lançados sobre a natureza, a outros universos de significação, a outros conceitos e a outras práticas que, tanto quanto a estética, são investidas no território (investidas no sentido mais literal do termo). Há o olhar do cientista, o do médico, o do engenheiro, o do religioso ou do peregrino, etc (Besse 2006 p. 61-62).

Em um sentido estético e cultural, Alain Roger (1997 p. 9-10) é categórico ao afirmar que “uma paisagem nunca é redutível a sua realidade física — os geosistemas dos geógrafos, os ecossistemas dos ecólogos, etc.”; para este filósofo “a transformação de um *país* em uma paisagem

---

<sup>7</sup> Em francês no original, tradução nossa: “Au XVI<sup>e</sup> siècle, on ne connaissait pas le paysage au sens moderne du terme, mais le « pays », quelque chose d'équivalent à c'est qu'est pour nous, aujourd'hui, le *territorio* et, pour les français, l'*environnement*, lieu ou espace considéré du point de vue de ses caractéristiques physiques, à la lumière de ses formes de peuplement humain e de ses ressources économiques. D'une matérialité presque tangible, il n'appartenait pas à la sphère esthétique que de façon tout à fait secondaire”.

supõe sempre uma metamorfose, uma metafísica, [...] a paisagem nunca é natural, mas sempre ‘sobrenatural’”<sup>8</sup>.

O desafio para que se possa compreender o conceito parece residir em como integrar seu prefixo e seu sufixo, como valorar esses dois termos (país e imagem).

Augustin Berque, sintetiza o problema das interações entre a subjetividade do observador (produtor, ou articulador da *imagem*) e os objetos reais que compõem a paisagem:

[...] a paisagem não reside somente no objeto, nem somente no sujeito, mas na interação complexa desses dois termos. Essa relação, que põe em jogo diversas escalas de tempo e espaço, não implica em uma maior valoração da instituição mental da realidade que da constituição material das coisas. (Berque 1994 p. 5).<sup>9</sup>

Para este geógrafo, a paisagem não se reduz aos domínios visuais do mundo, nem à subjetividade de um observador, é mais do que um simples ponto de vista óptico: assim como se remete a objetos concretos que estão a nossa volta, também é especificada por um sujeito que observa. O estudo da paisagem considera a complexa interação entre o sujeito que observa e os objetos reais que se lhe apresentam.

Essa é a abordagem antropológica de Descola, que afirma que a noção de paisagem

remete a dois níveis de realidade distintos, mas difíceis de dissociar. Uma realidade “objetiva”, uma extensão de espaço oferecida à vista, que preexiste, portanto, ao olhar, e cujos componentes podem ser descritos de forma mais ou menos precisa em todas as línguas; e uma realidade “fenomênica”, uma vez que um sítio só vem a ser paisagem em virtude de um olho que o capta em seu campo de visão e pelo qual se impregna de uma significação particular. (Descola 2013 p. 650).<sup>10</sup>

É possível então retomar a proposição de Sérgio Buarque de Holanda (1970, p. 12), quando afirma que “num intervalo de cerca de dois séculos [do XVII ao XIX], a terra parecera ter perdido, para portugueses e luso-brasileiros, muito de sua primeira graça e gentileza”, e que a familiaridade cegou os nativos para o que havia de “insólito em cada coisa, mormente nessas coisas naturalmente complexas como o são uma paisagem, uma sociedade, uma cultura”. Diz o historiador que aí reside o interesse suscitados nos escritos e quadros dos viajantes chegados do Velho Mundo entre o ano da vinda da

<sup>8</sup> Em francês no original, tradução nossa: “un paysage n'est jamais réductible à sa réalité physique — les géosystèmes des géographes, les écosystèmes des écologues, etc. —, que la transformation d'un pays en paysage suppose toujours une métamorphose, une métaphysique, entendue au sens dynamique. En d'autres termes, le paysage n'est jamais naturel, mais toujours ‘surnaturel’”.

<sup>9</sup> Em francês no original, tradução nossa: “[...] le paysage ne réside ni seulement dans l'objet, ni seulement dans le sujet, mais dans l'interaction complexe de ces deux termes. Ce rapport, qui met en jeu diverses échelles de temps et d'espace, n'implique pas moins l'institution mentale de la réalité que la constitution matérielle des choses.”

<sup>10</sup> Em francês no original, tradução nossa: “Cette notion renvoie à deux niveaux de réalité distincts, mais difficiles à dissociar. une réalité «objective», une étendue d'espace offerte à la vue, qui préexiste donc au regard susceptible de l'embrasser et dont les composantes peuvent être décrites de façon plus ou moins précise dans toutes les langues, et une réalité «phénoménale», puisqu'un site ne devient paysage qu'en vertu de l'œil qui le capte dans son champ de vision et pour lequel il se charge d'une signification particulière.”



Corte e, pelo menos, o do advento da Independência: “de tão visto e sofrido por brasileiros, o país se tornara quase incapaz de excitá-los” (p. 13).

As palavras de Holanda encontram eco na asserção de Alain Corbin (2001 p. 11) que afirma que “a paisagem é uma forma de ler e analisar o espaço, de representa-lo”<sup>11</sup> e, por isso mesmo, indissociável da pessoa que a contempla. O historiador francês informa que desde o Renascimento “lemos a paisagem de uma maneira distanciada, em função de uma atitude que se pode chamar de espectral, pois nos submetemos ao primado da visão” (p. 19)<sup>12</sup>. Ainda segundo Corbin, todas as atitudes espectralas estão fundadas em uma distância: “quando se considera o que chamamos de paisagem, nos sentimos, ao mesmo tempo, face a um espaço e fora dele” (p. 19)<sup>13</sup>.

O ato de enunciar a paisagem, de dizê-la, de representa-la, é sem dúvida um problema histórico. Não é a sua realidade, sua concretude que é contestada, mas sim a ideia de paisagem e sua percepção e, por fim, a sua enunciação possibilitada por uma palavra ou outro suporte. Nas palavras de Roger (1997 p. 57): “sem dúvida a denominação é essencial; mas a sensibilidade paisagística pode se abrir por outras vias, se exprimir por outros signos, visuais ou não, que requerem, do intérprete, uma atenção escrupulosa”<sup>14</sup>.

Ora, se a paisagem é vista por alguém, devemos então nos perguntar que paisagem é re(a)presentada por esses observadores nos relatos de viagem? Como, e em função de quê, os lugares são recortados? A partir de quais pontos de vista são operados esses recortes?

---

<sup>11</sup> Em francês no original, tradução nossa: “Le paysage est manière de lire et d'analyser l'espace, de se le représenter [...], le paysage est une lecture, indissociable de la personne qui contemple l'espace considéré”.

<sup>12</sup> Em francês no original, tradução nossa: “Nous lisons les paysages d'une manière distanciée, selon une attitude que l'on peut qualifier de spectatorielle, parce que nous nous soumettons au primat de la vue, et cela depuis la Renaissance”.

<sup>13</sup> Em francês no original, tradução nossa: “Quand l'on considère ce que nous appelons un paysage, nous nous sentons, tout à la fois, face à un espace et en dehors de lui”.

<sup>14</sup> Em francês no original, tradução nossa: “Sans doute la dénomination est-elle essentielle ; mais la sensibilité, paysagère en l'occurrence, peut se frayer d'autres voies, s'exprimer par d'autres signes, visuels ou non, qui requièrent, de l'interprète, une attention scrupuleuse”. O filósofo disserta ainda sobre forte ligação que as palavras francesas *pays*, *paysans* e *paysage* (literalmente em português *país*, *camponês* — mas também *paisano* em sua origem — e *paisagem*) possuem: “a percepção de uma paisagem [...] exige tanto um afastamento quanto uma cultura, uma espécie de *recultura*. Isso não significa que o camponês é desprovido de qualquer relação com o seu país e que ele não sente apego à sua terra, ao contrário; mas esse apego é mais poderoso por ser simbiótico. Falta-lhe, por conseguinte, essa dimensão estética, que é medida, ao que parece, pela distância do olhar, indispensável à percepção e ao deleite paisagístico. O camponês é o homem do país, não o da paisagem.” Em francês no original, tradução nossa: “La perception d'un paysage [...] suppose à la fois du recul et de la culture, une sorte de *reculture* en somme. Cela ne signifie pas que le paysan est dépourvu de tout rapport à son pays et qu'il n'éprouve aucun attachement pour sa terre, bien au contraire; mais cet attachement est d'autant plus puissant qu'il est plus symbiotique. Il lui manque, dès lors, cette dimension esthétique, qui se mesure, semble-t-il, à la distance du regard, indispensable à la perception et à la délectation paysagères. Le paysan est l'homme du pays, non celui du paysage” (Roger 1997 p. 27).

## VER A PAISAGEM ATRAVÉS DAS LENTES CULTURAIS

Nos relatos selecionados o conceito de paisagem toma a forma de um inventário estetizado: trata-se do país, tanto quanto de sua imagem, e é a distância, a separação do viajante, que lhe permite avaliar a paisagem, dizê-la.

Nos textos de Bigg-Wither e Taunay o termo é empregado mais em seu sentido estético, ou seja, a paisagem é uma vista agradável, a ser apreciada, sobretudo por sua grandeza (não perdendo também seu valor de inventário), como, por exemplo, nas seguintes expressões: “nos vastos panoramas [...] é que a monotonia se transforma em grandeza, mas, no número infinito de paisagens menos extensas com que frequentemente nos deparávamos, sentíamos que em geral faltava um relevo à identidade” (Bigg-Wither 1974 p. 127), as “mais soberbas e magníficas vistas” (p. 97), grandes campos “com seus horizontes sem fim e de seus soberbos espetáculos” (p. 101), “a vastidão do campo dourado, estendendo-se para o sul e para o oeste, até se perder de vista” (p. 134-135), “grandes campos ondulantes”(p. 350); “verdejantes vastidões de campos iluminados pelo sol, com fundas e elegantes ondulações” (Taunay 1923 p. 118), “sua formosura como paisagem” (p. 133), “há nesta terra do Brasil momentos, há perspectivas, há paisagens tão grandiosas, tão inesperadas, tão solenes, há quadros tão extraordinários em sua repentina aparição, [...] que nem mesmo o pincel as pode fielmente reproduzir”(p. 143), etc.

Já no texto de Saint-Hilaire o emprego do conceito visa tanto uma mirada estética, quanto o utilitarismo. Como na descrição a seguir: “até onde a vista alcança, descortinam-se extensas pastagens; pequenos capões, onde sobressai a valiosa e imponente [*utile et majestueux*] Araucária, surgem aqui e ali nas baixadas, o matiz carregado de sua folhagem contrastando com o verde-claro e viçoso do capinzal” (Saint-Hilaire 1995 p. 12).

Suspensa temporalmente na narrativa, a descrição da paisagem visa simultaneamente um saber enciclopédico e utilitário, na mesma medida em que produz uma imagem estetizada.

Diz Saint-Hilaire em sua “Descrição Geral dos Campos Gerais”:

Esses campos são certamente uma das mais belas regiões que já percorri desde que cheguei à América; suas terras são menos planas, não tendo pois a monotonia das nossas planícies de Beauce, mas as ondulações do terreno não chegam a ser tão acentuadas que limitem o horizonte. [...] De vez em quando apontam rochas à flor da terra nas encostas dos morros, de onde se despeja uma cortina de água que se precipita nos vales; inúmeras éguas e bois pastam pelos campos e dão vida à paisagem; veem-se poucas casas, mas todas bem cuidadas, com pequenos pomares de macieiras e pessegueiros. O céu ali não é tão luminoso quanto na zona dos trópicos, mas talvez convenha mais à fragilidade da nossa vista (Saint-Hilaire 1995 p. 12).

Para Bigg-Wither, os Campos Gerais [*the great Prairie*] compõe um esplendoroso panorama:

Alessandra Izabel de Carvalho; Darcio Rundvalt

Para o lado sul e sudoeste, estendia-se o vasto mar de relva dourada que se perdia de vista, ondulando em vagas gigantescas até o profundo vale do Iguaçu, bem distante e muito abaixo; depois, elevando-se novamente do outro lado, continuava seu movimento ondulatorio, diminuindo gradativamente as vagas, até o céu e a terra se confundirem e se perderem na distância, no que parecia ser o infinito. Não havia detalhes que chamassem a atenção, a vista parecendo perder-se na imensidão do panorama. Surgiam apenas algumas árvores raquíticas, vendo-se aqui e ali pinheiros, a refletirem a ramagem verde escura nas profundezas dos cursos d'água que cruzavam as campinas. Era só. Além disso, a grande planície, quase sem limite em extensão, não apresentava um só marco onde os olhos pudessem repousar. [...] Nem na Inglaterra, nem talvez em toda a Europa seria possível encontrar qualquer coisa que se aproximasse disto. O que mais me impressionou foi a sua vastidão — a sua imensidão nos dava a ideia do ilimitado (Bigg-Wither 1974 p. 94-95).

Já o Visconde de Taunay, mais modesto e menos impressionado que os outros dois viajantes, assim descreve:

Como perspectiva, nada mais formoso do que aquele desdobrar de campos de um verde alegre, em que nas quebradas se desenvolve compacta vegetação, com alterosos pinheiros aqui e acolá e ainda mais aformoseados por maciços de rochas de todas as configurações, já redondas, já pontiagudas, ora compactas, ora rendilhadas, esparsas ou em grupos, desnudadas ou então cobertas de *granatás* e outras bromélias.

E isso se estende por léguas e léguas, modificadas só as razões de mais ou menos propriedade para o cultivo pela aproximação das correntes d'água, umas volumosas, como o Iguaçu e Tibagi e outras, mais modestas, já ribeirões, já modestos córregos (Taunay 1923 p. 134).

Na descrição de Taunay, a abstenção do narrador em primeira pessoa e o uso do impessoal tentam anular qualquer presença; a paisagem parece enunciar-se por si mesma: ela é um dado. Enquanto no relato de Bigg-Wither o narrador aparece apenas no final do enunciado, dramatizando a experiência descritiva; a descrição de Saint-Hilaire, apesar de começar em primeira pessoa, segue o mesmo roteiro; o detalhe que chama à atenção é o aparecimento do pronome possessivo da terceira pessoa do plural no final da descrição (“nossa”): ora, quem é esse “nós” que possui a vista frágil?

Uma questão se fez determinante: a oposição entre rural e urbano e a convicção de que os ambientes urbanos sofriam uma profunda deterioração, tidos cada vez mais como sujos e pestilentos; o campo, ao contrário, era representado enquanto saudável e terapêutico. Como lembra Corbin (2001 p. 71) “a terapêutica determinou significativamente a apreciação. A partir dos últimos decênios do século XVII, viu-se desenhar uma admiração das paisagens ‘saudáveis’, consideradas como terapêuticas”<sup>15</sup>. Essa preocupação é mais evidente ainda no relato de Taunay em função de sua atividade enquanto presidente da província.

Bigg-Wither (1974 p. 350-352) define as florestas do Ivaí como um “Inferno terrestre”, repletas da “praga dos insetos e pequenas misérias”, um ambiente em que “há alguma coisa em seu

---

<sup>15</sup> Em francês no original, tradução nossa: “La visée thérapeutique a, elle aussi, largement déterminé l'appréciation. À partir des dernières décennies du XVII<sup>e</sup> siècle, on voit se dessiner une admiration des paysages « sains », considérés comme thérapeutiques”.

silêncio perpétuo, nas suas sombras escuras e nos seus horizontes limitados que age compassivamente sobre a mente e o corpo, reduzindo ambos a um perímetro mais estreito”. Já nos Campos Gerais, próximo a Tibagi, sua mirada terapêutica fica clara:

Há alguma coisa, na atmosfera ou no cenário desses campos, ou ainda em determinados dias, muito sutil para ser analisada ou explicada, que, todavia, exerce poderosa influência sobre o espírito. [...] A simplicidade do modo de viver não seria mera questão de escolha, mas necessidade de mudança completa de vida em todos os sentidos — mudança do inatural para o natural, em que se come apenas para satisfazer a fome, se dorme durante as horas em que estiver escuro, sem levanta com o sol num dia de não aborrecimento e tédio, mas de gozo pleno e prazer, tanto para o espírito como para o corpo — eis o que produz a mais perfeita alegria de existir, independente de todos os tônicos preparados pela farmácia (Bigg-Wither 1974 p. 408).

Saint-Hilaire compara os Campos Gerais à região mineradora de Minas Gerais. Diz o naturalista que:

Embora o inverno seja rigoroso [nos Campos Gerais], pode-se afirmar que o clima é temperado; há ventos frequentes e o ar circula livremente por toda a região; suas águas, embora inferiores às da parte oriental de Minas Gerais, são mesmo assim bastante boas; não existem brejos em nenhum lugar, praticamente, e os rios correm celeremente [...] por leitos de rochas. (Saint-Hilaire 1995 p. 16).

Os dois viajantes europeus insistem na relação salubre, saudável, do ambiente e do corpo. O imaginário terapêutico atua significativamente na apreciação da paisagem, na apreensão de um espaço enquanto paisagem.

Taunay, influenciado por um imaginário eurocêntrico e, sobretudo, por Saint-Hilaire, não deixa de insistir sobre a circulação do ar e dos frequentes ventos:

Falávamos, porém, da salubridade dos Campos Gerais. É ela geralmente reconhecida incontestável. Ponta Grossa e Castro gozam da fama de serem climas excepcionais, sobretudo para doentes de tísica pulmonar. O ar, com efeito, é muito puro e fino. [...]

Saint-Hilaire, com toda a razão, preconiza as condições de salubridade de todos esses lugares. O clima é temperado, embora caiam no inverno copiosas geadas. Venta bastante, muito até, em vários pontos, como por exemplo em Ponta Grossa. Os pântanos são raros, quase não existentes e no geral os rios e ribeirões correm por sobre grandes lajeados (Taunay 1923 p. 149-150).

O olhar do viajante está subordinado a convicções científicas, sobretudo das teorias neo-hipocráticas, que preconizavam a salubridade dos ambientes. Como lembra Corbain, a partir do século XVII são insistentes as referências médicas à qualidade do ar, da terra e da água; se espalha a convicção de que “as doenças se transmitiam não pelo contágio, mas pela contaminação do ar, da água e da terra”, “tudo o que é estagnado é considerado insalubre. Tudo que é móvel, tudo que é ventilado, é percebido como saudável”, sem dúvidas, “tal sistema de convicções científicas levou a apreciar os espaços

ventilados e a depreciar profundamente as paisagens nas quais parecia reinar uma total imobilidade”<sup>16</sup>. Daí as referências insistentes às características consideradas como “qualidades” dos Campos Gerais: aberto, ventilado, fresco, abundantemente regado por água corrente, etc.

O olhar dos viajantes europeus se constrói a partir da ambivalência que propõe ao mesmo tempo a busca de elementos que remontem à Europa rural (uma Europa em profundas transformações), mas que também projeta uma modernização profunda, uma alteração muitas vezes radical da paisagem. Tanto para Saint-Hilaire quanto para Bigg-Wither, o projeto imigratório responde a essas duas questões.

Taunay expressa essa dualidade quando expõe seu interesse sobre os nativos. Influenciado pelo romantismo e pelo gosto suscitado pelo estudo do povo (da gente), o autor-narrador da *Viagem filosófica* escreve que “de tudo quanto cerca o homem observador pode ele tirar motivos de instrução e interesse”, e por isso tomava “nota de alguns vocábulos que foram enriquecer o curioso e importante dicionário da língua brasileira popular” (Taunay 1923 p. 104), obra que então preparava seu primo Henrique de Beaurepaire Rohan. Em contrapartida, não suportava o fato de “ficarem durante o dia inteiro sete, oito, dez e até mais malandros, na força da idade, a atulharem os ranchos entregues à vadiação, dormitando à sombra, ou contando casos de jogo e proezas de caça”; estes eram comparados por Taunay aos “filhos da Europa” que, segundo o autor, quando “se lhes entrega um canto de terra, estão a ele presos nos múltiplos misteres do seu amanhã e cultivo de sol a sol!”(p. 104).

Thomas Bigg-Wither (1974 p. 93-94), após sair de Curitiba em 11 de Agosto de 1872 com “as mulas cansadas, esgotadas da dura caminhada da subida do desfiladeiro”, juntamente com os tropeiros, empregados e companheiros “deitaram-se na relva verde, como um rebanho de carneiros num dia de verão na Inglaterra [*at home*], o focinho inclinado para o solo, ofegantes e com a carga ainda no lombo.” Esse quadro, semelhante ao que poderia ser visto em terras inglesas, “refletia perfeito estado de sossego e satisfação”, visto do alto parecia até uma parte de Kent ou Sussex, e “na aparência geral, não diferia de certas partes de uma daquelas duas regiões”.

Segundo Mary Louise Pratt (1999 p. 339-340) “os vitorianos optaram por uma marca pictórica verbal, cuja função maior era a de reproduzir para a audiência de seu país de origem os momentos culminantes em que ‘descobertas’ geográficas eram ‘vitórias’ para a Inglaterra”, e que dessa forma inserem-se “referentes materiais na paisagem, referentes que invariavelmente, do aço a neve, ligam

---

<sup>16</sup> Em francês no original, tradução nossa: “les maladies se transmettent non par la contagion mais par l'infection de l'air, de l'eau et de la terre. [...] Tout ce qui stagne est alors considéré comme malsain. Tout ce qui est mobile, tout ce qui est ventilé, est perçu comme sain. [...] Un tel système de convictions scientifiques a conduit à goûter les espaces ventilés et à déprécier très fortement les paysages au sein desquels semblait régner une totale immobilité”.

explicitamente a paisagem à cultura nativa do explorador, temperando-a com alguns pequeninos pedaços da Inglaterra” (p. 344). Bigg-Wither utiliza diversas vezes a expressão “*at home*”, sobretudo quando estabelece comparações entre as paisagens dos Campos Gerais. O viajante inglês se remete às estações, criação de carneiros e a aos pastos ingleses quando utiliza a expressão.

Também, ao encontrar um colono inglês próximo a cidade de Ponta Grossa, o viajante narra a seguinte passagem

Mr. Edenborough, corpulento rapaz, feito naturalmente de boa cepa, nos recebeu no tradicional estilo inglês e, em pouco tempo, já nos conhecíamos perfeitamente. Contou-nos estar aqui já havia uns sete anos e que estivera na Inglaterra uma vez nesse período de tempo, trazendo de volta muitos implementos agrícolas, além de grama e outras sementes. Logo se pôs a trabalhar para ver o que conseguia obter da campina. [...] Aquele pedaço de terra era bem pobre e toda a região de Ponta Grossa era sujeita a secas de vários meses de duração. [...] Mr. Edenborough também nos informou já ter empregado bastante capital na propriedade, em construção de casas, na abertura de fossos e na campina, e não podia recuar agora (Bigg-Wither 1974 p. 121).

Se, neste caso, as qualidades da paisagem possuem valor estético e material para a cultura de origem tanto do viajante quanto do colono, as suas “deficiências” sugerem a necessidade de intervenção e aperfeiçoamento.

Saint-Hilaire reflete sobre a relação entre a paisagem e o trabalho humano em alguns trechos exemplares:

Toda a região [...] oferecia ainda imensas pastagens, no meio das quais alguns bosques se elevavam nas baixadas. De tempos em tempos aproveitávamos uma vista expandida, mas o aspecto das terras era sempre o mesmo; nada é mais monótono do que essas regiões desérticas, são os trabalhos do homem que dão variedade à natureza (Saint-Hilaire 1995 p. 57).

Segundo o que afirma autor, o pessoal que o servia era “cheio de vícios”, pois, em geral “os brasileiros das classes baixas não dispõem de qualquer instrução moral e religiosa, e em vista disso raramente mostram possuir alguma virtude, [...] não têm família, tendo sido criados por mulheres de má fama, que lhes ensinaram todos os vícios.” (Saint-Hilaire 1995 p. 82).

Ao ressaltar as qualidades estéticas e produtivas da paisagem — qualidades na medida em que se assemelham às paisagens europeias —, os três viajantes insistem no mau uso ou no “abandono” das terras; exaltam a necessidade de um manejo racional dos recursos disponíveis e, conseqüentemente, destacam a necessidade de projetos imigratórios. Ou como assevera o próprio Taunay (1923, p. 98): “há ferramenta e utensílios de mais, instrumentos e máquinas de sobra: Escasseiam os operários. De gente é que carecemos”.

É recorrente a ideia de que existe paisagem uma lacuna a ser preenchida, uma necessidade de aprimoramento, seja das técnicas, seja dos elementos, seja dos usos; para tanto, os três viajantes

insistem na necessidade de uma onda civilizatória: a imigração de trabalhadores europeus. Os nativos estariam tão integrados à paisagem, que seria muitas vezes impossível para o viajante imaginar a possibilidade de que eles a alterassem: enquanto parte da paisagem (a noção de paisano) seria necessário que seus modos de vida fossem radicalmente transformados. Ainda que bela e cheia de potenciais, a paisagem dos Campos Gerais é erma ou desértica: isso significa pouco marcada pelos traços da civilização.

Outra convicção científica, essa emergente a partir do final do século XVIII, que influenciou bastante a apreciação do espaço foi o nascimento da geologia. Para Corbain “geólogos e geógrafos impuseram, pouco a pouco, uma leitura do espaço, socialmente restrita, e ordenada pela morfologia”<sup>17</sup>. Essa apreciação não prezava apenas um valor estético, mas, como dito anteriormente, permitia uma leitura bastante utilitarista em busca de recursos minerais.

A partir da emergência da geologia como conhecimento explicativo para a formação da terra e, conseqüentemente, a expansão cronológica decorrente disso instruiu os viajantes a se aterem ao relevo e buscaram descrevê-lo em termos menos estéticos.

Como insiste Corbin: “Não se pode dizer o suficiente sobre a influência exercida por Humboldt sobre o imaginário do espaço”; suas obras “contribuíram a ancorar o desejo da descoberta do planeta. Ampliaram o alcance das paisagens sonhadas. Revelaram a diversidade do mundo”<sup>18</sup>. A influência de Humboldt foi sensível na mudança da tópica dos relatos de viagens, que até o século XVIII guardavam muito do gosto pelas maravilhas. Apenas para exemplificar dois clichês estilísticos recorrentes nos relatos dos séculos XVI, XVII, e XVIII, apontadas por Réal Ouellet (2010), “o Paraíso” e o “bom selvagem”: o famoso “bom selvagem” ganhou contornos dramaticamente diferentes, tornando-se apenas o “selvagem” e recebendo os seguintes adjetivos por Saint-Hilaire (1995): “devastadores” (p. 31), “ladrões” (p. 42), “assassinos” (p. 43) e, finalmente, “inimigos” (p. 45); em Bigg-Wither (1974 p. 328-329) os termos são, por sua vez, muito mais pejorativos e marcados pelas teorias raciais, grosseiramente eurocêntricas: “seres infelizes”, “imbecis”, “de aparência repulsiva”, “degenerados aborígenes sul-americanos”. Já o famoso mito genésico do Paraíso, o Éden, perdeu sua força imaginativa: para Taunay é apenas uma referência de Saint-Hilaire; em Saint-Hilaire é a imagem de disponibilidade, bastante semelhante às paisagens europeias que dá o teor de paraíso; em Bigg-Wither (1974 p. 116) o uso do termo perde referências como a primavera eterna, a temperança do ar, a árvore

<sup>17</sup> Em francês no original, tradução nossa: “Géologues et géographes ont, peu à peu, imposé une lecture de l'espace, certes socialement cantonnée, ordonnée par la morphologie”.

<sup>18</sup> Em francês no original, tradução nossa: “On ne dira jamais assez l'influence exercée par Humboldt sur l'imaginaire de l'espace. [...] [Ses œuvres] ont fortement contribué à ancrer le désir de découverte de la planète. Ils ont élargi la gamme des paysages rêvés. Ils ont révélé la diversité du monde”.

da sabedoria, lugar livre de fadigas e enfermidades, etc., para tornar-se, estranhamente, “um lugar misterioso”, “cheio de acontecimentos”, “grande cenário de montanhas e florestas, feroz e belo”.

O meio continuava praticamente o mesmo desde o Descobrimento, mas as representações mudaram.

## REFERÊNCIAS

- Berque A 1994. *Cinq propositions pour une théorie du paysage*. Champ Vallon, Seyssel, 122pp.
- Besse J-M 2006. *Ver a terra: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia*. Perspectiva, São Paulo, 109pp.
- Bigg-Wither TP 1974. *Novo caminho no Brasil meridional: a província do Paraná, três anos de vida em suas florestas e campos — 1872/1875*. José Olympio/UFPR, Rio de Janeiro/Curitiba, 420pp.
- Bigg-Wither TP 2008. O vale do Tibagi, Brasil. In G Arruda (org.). *A natureza dos rios: história, memória e territórios*. UFPR, Curitiba, p. 179-198.
- Camporesi P 1995. *Les belles contrées: naissance du paysage italien*. Gallimard, Paris, 210pp.
- Carneiro N 1974. Nota biográfica de Thomas Plantagenet Bigg-Wither. In TP Bigg-Wither, *Novo caminho no Brasil meridional: a província do Paraná, três anos de vida em suas florestas e campos — 1872/1875*. José Olympio/UFPR, Rio de Janeiro/Curitiba, p. 23-25.
- Cauquelin A 2007. *A invenção da paisagem*. Martins, São Paulo, 196pp.
- Corbin A 2001. *L'homme dans le paysage*. Textuel, Paris, 190pp.
- Descola P 2013. Anthropologie de la nature. Cours: les formes du paysage. I., *Annuaire du Collège de France 2011-2012*, Résumé des cours et travaux 112<sup>e</sup> année, Paris, p. 649-669.
- Descola P 2014. Anthropologie de la nature. Cours: les formes du paysage. I (suite). *Annuaire du Collège de France 2012-2013*, Résumé des cours et travaux 113<sup>e</sup> année, Paris, p. 679-701.
- Descola P 2012. Les formes du paysage: cours au Collège de France, 2010-2011, 29 février 2012. Disponível em: <http://www.college-de-france.fr/site/philippe-descola/course-2012-02-29-14h00.htm>.
- Doratioto FFM 2002. *Maldita guerra: nova história da Guerra do Paraguai*. Companhia das Letras, São Paulo, 617p.
- Holanda SB 1970. *História Geral da Civilização Brasileira* (Tomo II, Volume I). DIFEL, São Paulo, 478pp.
- Kury L 2003. Auguste de Saint-Hilaire, viajante exemplar. *Intellèctus* 2(1):1-11.
- Lisboa KM 1997. *A Nova Atlântida de Spix e Martius: natureza e civilização na Viagem pelo Brasil*. HUCITEC, São Paulo, 222pp.
- Maretti MLL 1996. *Um polígrafo contumaz (O Visconde de Taunay e os fios da memória)*. Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 291pp.
- Melo MS et al. 2007. *Patrimônio natural dos Campos Gerais do Paraná*. UEPG, Ponta Grossa, 230pp.



- Ouellet R 2010. *La relation de Voyage en Amérique (XVI<sup>e</sup>-XVIII<sup>e</sup> siècles)*. Au carrefour de genres. Les Presses de l'Université Laval, Québec, 165pp.
- Pádua JA 2002. *Um sopro de destruição: pensamento político e crítica ambiental no Brasil escravista, 1786-1888*. Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 318pp.
- Pádua JA 2009. Natureza e sociedade no Brasil monárquico. In K Grinberg, R Salles (orgs.). *O Brasil Império*, Vol. III. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, p. 313-365.
- Paz FM 1996. *Na poética da história: a realização da utopia nacional oitocentista*. UFPR, Curitiba, 362pp.
- Pratt ML 1999. *Os olhos do Império: relatos de viagem e transculturação*. EDUSC, Bauru, 394pp.
- Reuter Y 2002. *A análise da narrativa: o texto, a ficção e a narração*. Difel, Rio de Janeiro, 190pp.
- Roger A 1997. *Court traité du paysage*. Gallimard, Paris, 199pp.
- Rossato L 2007. *A lupa e o diário: história natural, viagens científicas e relatos sobre a Capitania de Santa Catarina (1763-1822)*. UNIVALI, Itajaí, 284pp.
- Said EW 2011. *Cultura e Imperialismo*. Companhia das Letras, São Paulo, 568pp.
- Saint-Hilaire A 1938. *Viagem pelas províncias de Rio de Janeiro e Minas Gerais (tomo I)*. Companhia Editora Nacional, São Paulo/Rio de Janeiro/Recife/Porto Alegre, 748pp.
- Saint-Hilaire A 1995. *Viagem pela comarca de Curitiba*. Fundação Cultural, Curitiba, 1995, 182pp.
- Sandeville Jr. E 2005. Paisagem. *Paisagem Ambiente*, 20(1):47-60.
- Süssekind F 2008. *O Brasil não é longe daqui: o narrador, a viagem*. Companhia das Letras, São Paulo, 319pp.
- Taunay A 1923. Viagem Philosophica aos Campos Gerães e ao sertão de Guarapuava. In A Taunay. *Visões do Sertão*. Cia. Melhoramentos de São Paulo, São Paulo, p. 69-155.
- Taunay A 2004. *Memórias*. Iluminura, São Paulo, 588pp.

## Narrating the Landscape: the Campos Gerais of Paraná in three travel writings of the nineteenth century

### ABSTRACT

From the XIX Century, the Campos Gerais, on the second Paraná plateau, were visited by european and brazilian travelers alike. The reports left by them constitute an important documental joint for Paraná's history and geography. From this joint, We have selected three to compose the research that follows. They are: *Viagem pela comarca de Curitiba*, by Auguste de Saint-Hilaire; *Novo caminho no Brasil Meridional*, by Thomas Plantagenet Bigg-Wither; and *Viagem filosófica aos Campos Gerais e sertão de*

*Guarapuava*, by Visconde de Taunay. In these three stories each one of the travelers highlights the Campos Gerais, devoting many pages describing the landscape, looking to expose the elements which composed it and insisting in it's great beauty and possible utility.

**Keywords:** Landscape; Travel-Writings; Campos Gerais of Paraná.

Submissão: 06/02/2017

Aceite: 29/03/2017